

# Pólo depende de recursos

Prestes a completar quatro anos de funcionamento, o Pólo de Cinema e Vídeo do DF — criado em 11 de junho de 1991 — deu apoio à produção de pelo menos nove longa-metragens e outros 12 filmes, entre curtas e médias. Agora, anda em marcha lenta. Não há recursos para financiamento de novas produções.

Atualmente, o Pólo de Cinema dá apoio apenas institucional ou logístico a três produções. São elas: os longas *Doces Poderes*, de Lúcia Murat, e *O Cego que Gritava Luz*, de João Batista de Andrade; e o curta *Parábola dos Cegos*, de André Mendez e Carlos Apolo.

O diretor do Pólo de Cinema, Manfredo Caldas, confessa não haver recursos para financiamento de novas produções. “Em início de gestão, estamos fazendo uma avaliação com o pé no chão. Será um ano difícil, mas pretendemos captar recursos junto ao Governo Federal e aos empresários para a produção cinematográfica”, diz.

Atualmente, o diretor aguarda uma dotação orçamentária de R\$ 400 mil. O dinheiro, no entanto, será gasto na aquisição de equipamentos para o Pólo. “Pretendemos comprar mesas de corte, gravadores, câmaras, aparelhos de infra-estrutura, como telefone, fax, geladeira, fogão... além de equipamentos de iluminação”, revela Caldas.

O diretor do Pólo de Cinema, no entanto, anuncia que ainda no primeiro semestre pretende realizar uma licitação pública para o financiamento de filmes de curta-metragem. “Inicialmente destina-se apenas a produções locais; depois vão ampliar para o Centro-Oeste e, por conseguinte, a todo o País”, esclarece.

Nos planos de Manfredo Caldas também está a conclusão das instalações do projeto original do Pólo, em Sobradinho. “A Novacap já está fazendo um levantamento para a retomada das obras”, conta o diretor. Ele também promete lutar para a regulamentação da Lei Magela, que concede incentivos fiscais para a produção cultural no DF.